

# Avaliação da Associação entre Autoestima, Satisfação e Comportamento Sexual em Mulheres

**Carolina Milena Mioralli**

**João Lucas Dias-Viana**

**Ana Paula Porto Noronha**

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a relação entre autoestima e satisfação sexual feminina, e outras variáveis relacionadas ao comportamento sexual. Participaram 105 mulheres, com idades entre 18 e 61 anos ( $M=24,5$ ;  $DP=6,06$ ), de diferentes orientações sexuais. Os instrumentos utilizados foram Escala de Autoestima de Rosenberg, Escala de Satisfação Sexual Feminina e Questionário de Sexualidade Feminina. Os resultados indicaram correlações positivas e moderadas entre a autoestima e satisfação sexual. A preocupação pessoal com o sexo foi o principal fator predito pela autoestima. Concluiu-se que quanto maior a autoestima, maior a satisfação sexual feminina. Foi encontrado também que ter relações sexuais com uma mesma pessoa, ainda que sem o status de um relacionamento formal, assim como ter relações sexuais com frequência, estão associados com a satisfação sexual de mulheres. Espera-se fomentar a discussão acerca da sexualidade feminina, indicando a importância da autoestima feminina para experiências sexuais prazerosas.

*Palavras-chave:* comportamento psicosssexual; mulheres; psicologia da mulher; relação sexual; sexualidade.

## ABSTRACT

### Evaluation of the Association Between Self-Esteem, Satisfaction and Sexual behavior in Women

This research aims to investigate the relationship between women's self-esteem and sexual satisfaction, and other variables related to sexual behavior. The participants were 105 women aged 18 to 61 years ( $M = 24.5$ ;  $SD = 6.06$ ), from different sexual orientations participated. The instruments used were the Rosenberg's Self-esteem Scale, The Female Sexual Satisfaction Scale and the Female Sexuality Questionnaire. The results showed positive and moderate correlations between self-esteem and sexual satisfaction, as well as the person's concern for sex as the main factor predicted by self-esteem. In conclusion, that the higher self-esteem, the greater the sexual satisfaction of women. We also observed that having sex with the same person, even without the status of a formal relationship, and frequent sexual relations were associated with women's sexual satisfaction. We hope to stimulate discussion about female sexuality, by pointing to the importance of female self-esteem for pleasurable sexual experiences.

*Keywords:* psychosexual behavior; women; psychology of women; sexual intercourse; sexuality.

## Sobre os Autores

C.M.M.  
orcid.org/0000-0001-5717-2610  
Universidade de São Francisco –  
Campinas, SP  
carolinamilenam@gmail.com

J.L.D.V.  
orcid.org/0000-0002-7626-3937  
Universidade de São Francisco –  
Campinas, SP  
jolucasviana@gmail.com

A.P.P.N.  
orcid.org/0000-0001-6821-0299  
Universidade de São Francisco –  
Campinas, SP  
ana.noronha8@gmail.com

## Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



O comportamento sexual é uma necessidade básica e indissociável da existência humana (Montejo, 2019). A busca por satisfação decorrente da atividade sexual é complexa e multideterminada, uma vez que não está restrita a questões biológicas (e.g., reações hormonais), mas também recebe influências de características individuais (e.g., personalidade, autoconceito, autocuidado, autoestima), sociais e da cultura, uma vez que as diversas etnias e os distintos gêneros possuem representações sociais e vivenciam a sexualidade de maneiras distintas (Sánchez-Fuentes et al., 2014).

A investigação da satisfação sexual de mulheres se torna relevante à medida que ela está relacionada à sua saúde física e mental (Rosenbaum & Sabbag, 2020). Isto posto, considerando a multiplicidade de fatores associados à satisfação sexual feminina e a sua relevância para a qualidade de vida, este estudo tem como objetivo compreender como autoestima, satisfação e comportamento sexual se relacionam.

A sexualidade é um tema primordial dentro das políticas públicas de atendimento à mulher. O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013) destaca que o exercício da sexualidade está relacionado a problemas de saúde, como a violência doméstica e sexual, transmissão de doenças como sífilis e o vírus HIV, e temas ligados à saúde reprodutiva e sexual, como planejamento familiar, câncer de colo de útero e cuidados no pré-natal, parto e após o nascimento do bebê. No entanto, observa-se que o PNPMP enfatiza aspectos relacionados ao comportamento sexual de risco, com vistas a práticas remediadoras da sexualidade feminina, de modo a investigar aspectos para além do patológico.

A orientação sexual compõe a identidade sexual do ser humano, e sob esta perspectiva, não se restringe à opção ou escolha, e está associada a elementos psicológicos, históricos, sexuais e sociais. A partir da inserção em um contexto sociohistórico, objetivo e subjetivo, as pessoas podem estruturar atrações, fantasias, desejos eróticos e sexuais. Além disso, a orientação sexual abrange emoções, relações e vivências em direção ao sexo oposto, ao mesmo sexo e/ou por ambos os sexos. Nessa direção, cabe destacar que as experiências relacionadas à sexualidade são qualitativamente diferentes entre as variedades de orientação sexual (Fernandes-Eloi et al., 2019; Maia & Pastana, 2018).

Pessoas que pertencem às minorias sociais relacionadas à orientação sexual tendem a associar a autoestima e o próprio bem-estar à percepção da discriminação sexual (Souza & Boeckel, 2019). Por isso, é esperado que haja diferenças entre os níveis de subjetividade sexual e as pessoas de diferentes gêneros e orientações sexuais. Os autores também discorrem que o desenvolvimento da vida sexual, em especial de minorias, é fonte de sofrimento e prejuízo devido a valores sociais permeados de preconceitos e moralismos. Tais valores e

estigmas também afetam a qualidade de vida geral e o bem-estar sexual de jovens adultos.

Para Rosenbaum e Sabbag (2020), a sexualidade feminina é multifacetada, uma vez que elementos como cultura e experiências individuais são tão importantes quanto elementos biológicos. Apesar de a maioria das mulheres apresentar respostas semelhantes na dimensão biológica da sexualidade, como contrações orgásticas, as dimensões sociais e emocionais apresentam-se de forma individual e subjetiva. As discussões sobre a vivência individual e sexual vinculadas à satisfação sexual fazem parte de agendas de investigação contemporâneas (De Tilio & Silva, 2022). Assim, destaca-se a importância da investigação da satisfação sexual feminina de modo a compreender como esses fatores biológicos, individuais e culturais contribuem para a satisfação sexual feminina.

A satisfação sexual é definida como o resultado de uma avaliação feita pelo sujeito, de suas vivências sexuais, incluindo relações sexuais, percepção das próprias necessidades sexuais, e as expectativas do parceiro nesse contexto, influenciando positivamente a saúde e a qualidade de vida (Meston & Trapnell, 2005). Quanto aos aspectos fisiológicos, a experiência de satisfação sexual feminina acontece quando a mulher consegue focar em seu prazer sexual. Quanto às dimensões emocionais e relacionais da satisfação sexual, destacam-se os domínios da comunicação, compatibilidade, contentamento, preocupações pessoais e preocupações com o relacionamento amoroso (Catão et al., 2010).

Por fim, no que concerne às questões culturais, a satisfação sofre a influência das normas sociais, que definem representações e práticas sexuais (De Tilio & Silva, 2022). Kobayashi e Reis (2015) ressaltam que, para mulheres jovens, a satisfação sexual não depende da necessidade de orgasmos e acaba por ser substituída pela manutenção do relacionamento afetivo, a satisfação sexual do parceiro ou ao fato de possuírem um companheiro.

Estudos evidenciam que condições adversas ao corpo, como o câncer de mama (Santos et al., 2020) e a mastectomia (Hirschle et al., 2018), e fatores evolutivos, como o envelhecimento e a menopausa (Sofra & Lampe, 2020), relacionam-se ao declínio da satisfação sexual, afetando a saúde física e mental da mulher. No entanto, questionamos de que forma as vivências individuais podem contribuir para o prazer feminino. Por meio de uma revisão sistemática da literatura, Sánchez-Fuentes et al. (2014) indicaram a importância de variáveis demográficas (e.g., sexo e orientação sexual) e condições físicas de saúde associadas à satisfação sexual. Embora os autores destaquem a importância de autoconceitos e crenças acerca de si (e.g., autoestima) para a compreensão da sexualidade, poucos estudos foram realizados no contexto brasileiro com vistas a compreender como a autoestima se associa à satisfação sexual feminina (Da Silva & Damasceno, 2019; Soster & Castro, 2018).

No tocante ao conceito de autoestima, Rosenberg (1979)

a define como o significado, valor e competência que o indivíduo constrói acerca de si mesmo, e em diferentes níveis de sua vida, tais como trabalho, relacionamentos e saúde. Ao lado disso, a autoestima está associada ao apreço de um indivíduo por si mesmo, incluindo todas as partes de si (Tucherman, 2019). Para a autora, a autoestima envolve a análise das próprias qualidades e habilidades, e o reconhecimento e aceitação, por parte do sujeito, de todas as suas falhas, incapacidades e defeitos que não gosta em si.

Ruiz et al. (2016) argumentam que a baixa autoestima leva o indivíduo a obliterar partes de sua identidade e recorrer a aprovação de terceiros para sentir-se validado. Dessa forma, as relações podem tornar-se patológicas e permeadas por sentimentos de inferioridade. Tucherman (2019) avalia que tanto sentimentos de desvalorização quanto sentimentos de supervalorização contaminam a maneira como as pessoas se relacionam, pois a busca por valorização torna-se essencial para a satisfação pessoal do sujeito.

No que se refere às pesquisas acerca da sexualidade feminina, Soster e Castro (2018) concluíram que, para as mulheres com experiência de sexo casual, a procura por sensações sexuais está positivamente relacionada ao número de parceiros e às vivências de sexo casual, sendo que a autoestima desse grupo é ligada à menor assimilação de dano psicológico e à vida social. Aliado a esse resultado, os resultados revelaram que a busca por sensações sexuais e a percepção da satisfação sexual são diretamente proporcionais, porém, a compreensão dos riscos à saúde e danos psicológicos é inversamente proporcional às outras variáveis. Portanto, os dados obtidos reforçaram que existem fatores psicológicos ligados à tomada de decisão para o risco envolvendo sexo casual, e que pesquisas na área devem ser realizadas para enriquecer os conhecimentos acerca da sexualidade feminina. Cabe destacar que nesse estudo não foram utilizados instrumentos com evidências psicométricas comprovadas, o que sugere cautela na generalização dos dados.

A satisfação sexual de universitárias de 18 a 35 anos de idade, que não fizeram tratamentos de disfunção sexual nos três meses anteriores, foi pesquisada por Da Silva e Damasceno (2019). Os autores concluíram que, em geral, as universitárias demonstraram boa satisfação sexual. Contudo, 28% das mulheres apresentaram alguma disfunção sexual. A avaliação destacou que alguns dos aspectos relacionados à disfunção sexual observada foram o baixo interesse sexual e a falta de estimulação pelo parceiro, que prejudica a lubrificação vaginal. Este estudo, apesar de abordar a vivência sexual das mulheres, ainda abrange uma perspectiva focada em disfunções sexuais.

A relação entre autoestima sexual, homofobia internalizada, identidade LGB, autoestima global e satisfação sexual foi investigada por Carreiras (2014). Participaram pessoas com idades entre 14 e 74 anos ( $M = 29,7$ ;  $DP = 11,8$ ), que se definiram como lésbicas, gays e bissexuais (LGB). Os resultados

indicaram que não houve correlação entre a autoestima e satisfação sexual, porém comprovou-se a existência de relação significativa entre autoestima sexual, autoestima global, homofobia internalizada e identidade LGB. O autor concluiu que os estigmas e preconceitos da sociedade, quando internalizados, comprometem a autoestima e influenciam os relacionamentos íntimos e a vida sexual de pessoas LGB.

Nesse sentido, considerando a importância da satisfação sexual para a saúde da mulher, e a relação da autoestima com os diferentes domínios da vida, esta pesquisa tem por objetivo principal investigar as associações existentes entre a autoestima e a satisfação sexual de mulheres e comportamento sexual feminino. Hipotetizamos que existam associações positivas e significativas (H1), bem como que a autoestima seja um preditor da satisfação sexual de mulheres (H2). Além disso, investigamos se a orientação sexual (H3) e comportamentos sexuais como possuir parceiro sexual fixo (H4) e manter relações sexuais (H5) com frequência são variáveis que estão associadas com a autoestima e na satisfação sexual feminina.

## MÉTODO

### Participantes

Foi utilizada uma amostra não probabilística, composta por 105 mulheres brasileiras, cisgênero, com idades entre 18 e 61 anos ( $M = 24,5$ ;  $DP = 6,06$ ), que se identificaram quanto à orientação sexual como heterossexuais (72,4%,  $n = 76$ ), bissexuais (17,1%,  $n = 18$ ), homossexuais (9,5%,  $n = 10$ ) e pansexual (1%,  $n = 1$ ). No que diz respeito ao estado civil das participantes, 87,6% ( $n = 92$ ) estavam solteiras, 12,4% ( $n = 13$ ) casadas.

### Instrumentos

*Questionário sobre Sexualidade Feminina – QSF (Neumann et al., 2011).* Foi utilizada uma versão adaptada do QSF, em que alguns itens foram escolhidos com o objetivo de caracterizar comportamentos sexuais femininos, contendo 20 perguntas, com o intuito de investigar aspectos sociodemográficos, como idade, orientação sexual, identidade de gênero, estado civil, além de hábitos e comportamentos sexuais, como frequência de relações sexuais e de práticas masturbatórias. São exemplos de itens “Experiências sexuais anteriores negativas têm impacto na satisfação sexual atual?” e “Você pratica a masturbação?”.

*Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1979; traduzida e adaptada para o contexto brasileiro por Hutz & Zanon, 2011).* Instrumento de autorrelato unidimensional, composto por 10 afirmações que expressam um conjunto de sentimentos de autoaceitação para avaliação da autoestima ( $\alpha = 0,90$ ). Os itens são respondidos em uma escala tipo Likert de quatro pontos, variando de “concordo totalmente” (1) a “discordo

totalmente” (4). São exemplos de itens: “Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto outras pessoas”; “Eu acho que eu tenho várias boas qualidades”.

*Escala de Satisfação Sexual para Mulheres (SSS-W; Meston & Trapnell, 2005; traduzida e adaptada para o contexto brasileiro por Catão et al., 2010).* Instrumento de autorrelato composto por 30 itens que avaliam cinco domínios da satisfação sexual feminina: contentamento ( $\alpha = 0,83$ ), comunicação ( $\alpha = 0,74$ ), compatibilidade ( $\alpha = 0,85$ ), preocupação relacional ( $\alpha = 0,88$ ) e preocupação pessoal ( $\alpha = 0,90$ ). Os itens são respondidos em escala Likert de cinco pontos, variando de “concordo totalmente” (1) a “discordo totalmente” (5). São exemplos de itens: “Sinto-me satisfeita com minha vida sexual atual” e “Não tenho dificuldades em falar de minhas emoções mais profundas quando meu parceiro(a) quer conversar”.

## Procedimentos

O projeto foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa, aprovado com CAAE de número 29902920.1.0000.5514, parecer de número 29902920.1.0000.5514. Os instrumentos foram inseridos na plataforma *Google Forms*, e o link de acesso à pesquisa foi disponibilizado em redes sociais (i.e. *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*). As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que constaram os objetivos da pesquisa, os instrumentos utilizados, bem como a garantia do anonimato e do sigilo dos dados. O tempo para responder aos instrumentos, em média, foi de 20 minutos, com a seguinte ordem de aplicação: Questionário sobre Sexualidade Feminina, Escala de Autoestima de Rosenberg e Escala de Satisfação Sexual para Mulheres.

## Análise de dados

O teste Shapiro-Wilk evidenciou a distribuição não paramétrica dos dados obtidos. Assim, foi realizada a correlação de Spearman para verificar a associação entre autoestima e satisfação sexual. Foram considerados os valores propostos por Cohen (1988) para avaliação da magnitude (força) da correlação, ou seja,  $r \leq 0,29$  (fraca);  $0,30 \leq r \leq 0,49$  (moderado);  $r \geq 0,50$  (forte). Foram realizadas análises de regressão lineares com o objetivo de identificar se a autoestima prediz os fatores da satisfação sexual feminina. Investigamos se as variáveis orientação sexual, presença de parceiro(a) fixo(a) e frequência de relações sexuais estão associados com a autoestima e satisfação sexual por meio de teste de comparação de grupos em que foram utilizados teste Mann-Whitney e Kruskal-Wallis, com uso do  $d$  de Cohen e  $\varepsilon^2$  para cálculo do tamanho de efeito.

## RESULTADOS

Com o intuito de investigar a relação entre a autoestima e a satisfação sexual, realizou-se análise de correlação  $\rho$  de

Spearman. Os resultados indicaram associações positivas, moderadas e significativas da Autoestima com o fator Preocupação Pessoal ( $\rho = 0,48$ ), com Preocupação Relacional ( $\rho = 0,45$ ) e com Contentamento ( $\rho = 0,35$ ). Os dados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1. Correlação entre os Escores dos Instrumentos

	1	2	3	4	5	6
Autoestima (1)	–					
Contentamento (2)	0,35**	–				
Comunicação (3)	0,14	0,51**	–			
Compatibilidade (4)	0,18	0,61**	0,47**	–		
Preocupação Relacional (5)	0,45**	0,42**	0,26**	0,54**	–	
Preocupação Pessoal (6)	0,48**	0,56**	0,28**	0,58**	0,73**	–

Nota. \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ .

Investigou-se o potencial preditivo da autoestima (variável independente) para os fatores da satisfação sexual feminina (variáveis dependentes). Observou-se que autoestima foi um preditor de 23% da variância do fator Preocupação Pessoal, 19% da Preocupação Relacional e 11% do Contentamento. Autoestima não foi um preditor dos fatores Comunicação e da Compatibilidade. Os dados podem ser vistos na Tabela 2.

Tabela 2. Análises de Regressão Linear da Autoestima para os Fatores da Satisfação Sexual Feminina

Variável Dependente	B	$\beta$	SE	t	p	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> ajustado
Intercepto	12,892		14,994	8,60	< 0,001		
Contentamento	0,200	0,348	0,0531	3,77	< 0,001	0,121	0,111
Intercepto	19,921		21,141	9,42	< 0,001		
Comunicação	0,107	0,14	0,0749	1,43	0,155	0,0195	0,01
Intercepto	17,752		25,484	6,97	< 0,001		
Compatibilidade	0,172	0,184	0,0903	1,90	0,06	0,0339	0,03

Variável Dependente	B	$\beta$	SE	t	p	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> ajustado
Intercepto	6,934		25,219	2,75	0,007		
Preocupação Relacional	0,456	0,449	0,0894	5,10	<0,001	0,202	0,19
Intercepto	7,251		27,377	2,65	0,009		
Preocupação Pessoal	0,542	0,482	0,097	5,59	<0,001	0,233	0,23

Em seguida, foram investigadas diferenças de médias entre os grupos nos construtos investigados considerando as variáveis orientação sexual, possuir parceiro(a) sexual fixo(a) e frequência de relações sexuais. No que diz respeito à orientação sexual, conforme pode ser visto na Tabela 3, não foram identificadas diferenças de média estatisticamente significativas entre os grupos de mulheres heterossexuais e lésbicas/bissexuais/pansexuais.

Tabela 3. Comparação de Grupos quanto à Orientação Sexual

Variável	U	M1-M2	IC 95%		P	d de Cohen
			Inferior	Superior		
Autoestima	518	28,3 – 28,0	-1,00	2,00	0,58	0,14
Comunicação	548	23,0 – 24,0	-3,00	1,00	0,81	0,13
Contentamento	535	19,0 – 18,0	-2,00	2,00	0,71	0,08
Compatibilidade	531	23,0 -25,0	-3,00	2,00	0,68	0,08
Preocupação relacional	547	19,0 – 20,0	-2,00	4,00	0,81	0,08
Preocupação pessoal	560	24,0 – 24,0	-1,00	5,00	0,91	0,03

Nota. M1 = Média do grupo de mulheres heterossexuais; M2 = Média do grupo de mulheres lésbicas/bissexuais/pansexuais.

Quanto a possuir um(a) parceiro(a) sexual fixo(a), foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, conforme pode ser visto na Tabela 3. Os dados

indicaram que mulheres que possuem relações sexuais com uma mesma pessoa, ainda que não necessariamente estejam em um relacionamento formal, possuem maior contentamento, comunicação e compatibilidade, com tamanho de efeito considerado médio ( $0,50 \leq d \leq 0,79$ ).

Tabela 4. Comparação de Grupos quanto a ter um(a) Parceiro(a) Sexual Fixo(a)

Variável	U	M1-M2	p	d de Cohen
Autoestima	695	29,1 – 27,2	0,21	0,30
Comunicação	592	20,5- 24,0	0,04	-0,52
Contentamento	532	16,0 – 19,0	0,01	-0,68
Compatibilidade	491	19,5 – 24,0	0,00	-0,66
Preocupação relacional	783	18,0 – 19,0	0,58	-0,10
Preocupação pessoal	822	24,0 – 24,0	0,82	-0,03

Nota. M1 = Média do grupo de mulheres sem parceiro(a) sexual fixo(a); M2 = Média do grupo de mulheres com parceiro(a) sexual fixo(a).

Dando sequência aos objetivos, para investigar se existem diferenças nos níveis de autoestima e satisfação sexual feminina em função da frequência de relações sexuais, realizamos análises usando o teste de Kruskal-Wallis. Os grupos comparados foram: G1 = mais de uma vez por mês; G2 = uma vez a cada seis meses; G3 = mais de uma vez por semana; G4 = uma vez por mês. Conforme pode ser visto na Tabela 5, apenas para o fator Contentamento foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre grupos, indicando que a frequência em que as mulheres mantêm relações sexuais está associado com a satisfação sexual pessoal, com baixo tamanho de efeito ( $\epsilon = 0,20$ ).

Tabela 5. Análise de Variância Kruskal-Wallis da Autoestima e dos Domínios da Satisfação Sexual em Razão da Frequência de Relações Sexuais

	H	P
Autoestima	1,19	0,319
Contentamento	6,19	< 0,001
Compatibilidade	2,01	0,099
Comunicação	1,36	0,253
Preocupação pessoal	2,13	0,083
Preocupação relacional	1,74	0,147

Com o intuito de identificar entre quais grupos ocorre a diferença observada no fator Contentamento, foi feito o teste

*post-hoc* de Tukey. Os resultados podem ser vistos na Tabela 6. Conforme observado, as mulheres que mantêm relações sexuais mais de uma vez por mês sentem-se mais satisfeitas sexualmente do que aquelas que se relacionam a cada seis meses. Além disso, as mulheres que têm relações sexuais mais de uma vez por semana apresentaram maior contentamento do que aquelas que se relacionam uma vez por mês ou uma vez a cada seis meses.

Tabela 6. Prova de Tukey para Frequência de Relações Sexuais e Contentamento

Frequência de relações sexuais		Diferença média	SE	T	p <sub>Tukey</sub>
G1	- G2	4,929	1,323	3,724	0,003
G3	- G2	5,284	1,242	4,254	<0,001
	- G4	2,673	0,915	2,920	0,034

Nota. G1 = mais de uma vez por mês; G2 = uma vez a cada seis meses; G3 = mais de uma vez por semana; G4 = uma vez por mês.

## DISCUSSÃO

O objetivo principal deste estudo consistiu em investigar a associação entre autoestima e satisfação sexual de mulheres. A associação positiva entre autoestima e satisfação sexual encontrada neste estudo, mais especificamente com os domínios da preocupação pessoal, da preocupação relacional e do contentamento, indica que quanto mais positivos são os pensamentos e sentimentos que as mulheres possuem a respeito de si, haverá maior interesse em ter experiências sexuais prazerosas para e si e para o seu/sua parceiro(a), bem como maior será a satisfação os aspectos sexuais e emocionais do relacionamento (Catão et al., 2010; Soster & Castro, 2018). No entanto, estes dados precisam ser interpretados com cautela, uma vez que os tamanhos de efeito foram considerados pequenos ou baixos.

Além disso, preocupação pessoal foi o principal fator predito pela autoestima, o que corrobora as hipóteses 1 e 2 deste estudo. Autoestima está relacionada ao autocuidado, aos comportamentos de promoção em saúde e prevenção de riscos (Hutz et al., 2014; Zou et al., 2017). No que diz respeito à satisfação sexual, atua para uma experiência sexual saudável e prazerosa, promovendo, principalmente, o bem-estar da mulher. Sakaluk (2019) afirma que a autoestima está positivamente associada à sexualidade, a partir da vivência saudá-

vel da vida sexual, expressa em comportamentos voltados à autopreservação, como o uso de preservativos, boa função sexual, capacidade de chegar ao orgasmo e boa autoestima sexual.

De acordo com Monteiro e Guimarães (2019), a autoestima está associada com a saúde física, psíquica e emocional do indivíduo, sendo que o desequilíbrio nesse construto pode refletir em diversas esferas da vida, e prejudicar a qualidade dos relacionamentos e do bem-estar pessoal. As autoras também destacam que o equilíbrio do autoconceito, um dos pilares da autoestima, é essencial para manter uma boa qualidade de vida, e possibilitar a manutenção saudável dos relacionamentos do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com o ambiente em que está inserido.

As hipóteses acerca das diferenças existentes na autoestima e satisfação sexual orientação sexual (H3), e comportamentos sexuais como possuir parceiro sexual fixo (H4) e manter relações sexuais (H5) também foram confirmadas, ainda que com tamanho de efeitos baixos. Estudos anteriores evidenciam que pessoas LGBTQIAP+ apresentam maiores índices de comprometimento da saúde mental quando comparados a pessoas heterossexuais (Bränström et al., 2016; Pachankis & Safren, 2019). Souza e Boeckel (2019) argumentam que pessoas que pertencem às minorias sociais relacionadas à orientação sexual tendem a associar a autoestima e o próprio bem-estar à percepção da discriminação sexual. Portanto, são esperadas diferenças entre os níveis de subjetividade sexual e as pessoas de diferentes gêneros e orientações sexuais. Os autores discorrem que o desenvolvimento da sexualidade em minorias é fonte de sofrimento e prejuízo devido a valores sociais permeados de preconceitos e moralismos. Assim, propomos que a ausência de diferenças encontradas nesta pesquisa se deve ao número reduzido de mulheres lésbicas/bissexuais da amostra estudada.

Foi observado que as mulheres que possuem um(a) parceiro sexual fixo(a) possuem maior contentamento, comunicação e compatibilidade, ainda que a maioria das participantes deste estudo sejam solteiras. Fonseca et al. (2017) discorrem que os indivíduos podem adotar estilos de vida que atendam suas necessidades pessoais, sem precisar de um relacionamento amoroso. Assim, ainda que a experiência sexual tenha sido fora de relacionamentos formais, a regularidade de um(a) parceiro(a) se associa com a satisfação sexual pessoal e com a discussão de questões sexuais e emocionais, contribuindo para conformidade entre os parceiros relacionada às crenças sexuais, preferências, desejos e atração.

De acordo com os resultados, observou-se que a variável frequência das relações sexuais está associada com a satisfação sexual feminina, indicando que quanto mais frequente a prática sexual, maiores os níveis de satisfação no que diz respeito aos aspectos sexuais e emocionais. Gomes et al. (2019) encontraram uma correlação de  $r = 0,61$  entre satisfa-

ção sexual e frequência das relações sexuais. A pesquisa de Muise et al. (2015) identificou a frequência das relações sexuais como um preditor do bem-estar. Cabe destacar que o fator principal não é número de relações por si, mas a frequência das relações auxilia o indivíduo a conhecer melhor suas necessidades e expectativas quanto ao sexo, bem como satisfazê-las.

Os dados aqui encontrados permitiram identificar a relação entre autoestima e satisfação sexual de mulheres fomentando a importância do debate da temática para o empoderamento de mulheres, frente à vivência da sexualidade e da aceitação de si. Algumas limitações deste estudo são o tipo de amostra (não probabilística) e seu tamanho, além de um viés do instrumento que enfatiza a satisfação sexual por meio de relacionamentos. Para estudos futuros, indica-se a importância de investigar a contribuição de características individuais, como traços de personalidade e forças de caráter/pessoal, e variáveis sociodemográficas, como escolaridade, renda e região do país, contribuem para a sexualidade feminina, e como a vivência da sexualidade contribui para os níveis de bem-estar subjetivo da mulher.

## REFERÊNCIAS

- Bränström, R., Hatzenbuehler, M. L., & Pachankis, J. E. (2016). Sexual orientation disparities in physical health: Age and gender effects in a population-based study. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 51(2), 289-301. <https://doi.org/10.1007/s00127-015-1116-0>
- Carreiras, L. (2014). *Autoestima sexual, identidade e homofobia internalizada numa população LGB*. (Tese de mestrado não publicada, Universidade do Algarve).
- Catão, E., Rodriguez Jr., O. M., Viviani, D. H., Finotelli Jr., I., & Silva, F. R. S. C. (2010). Escala de Satisfação Sexual para Mulheres: Tradução, adaptação em estudo preliminar com amostra clínica. *Boletim de Psicologia*, 60(133), 181-190. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432010000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432010000200005&lng=pt&tlng=pt).
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Da Silva, N. T., & Damasceno, S. O. (2019). Avaliação da satisfação sexual em universitárias. *Colloquium Vitae*, 11(1), 1-6. <https://revistas.unoeste.br/index.php/cv/article/view/2840>
- De Tilio, R., & Silva, J. H. C. A. (2022). Análise do discurso sobre sexualidade de jovens em relacionamentos estáveis e não estáveis. *Psicologia Argumento*, 40(108), 1517-1541. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum40.108.AO09>
- Fernandes-Eloi, J., Maia, L. M., & Cerqueira-Santos, E. (2019). Construção e evidências de validade da Escala de Satisfação Corporal e Satisfação Sexual para Lésbicas (ESCSS-Lésbicas). *PSICO*, 50(4), e-29944. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.4.29944>
- Fonseca, P. N., Gouveia, V. V., Santos, J. L. F., Couto, R. N., & Coelho, G. L. H. (2017). Medo de ficar solteiro: Evidências psicométricas e de validade de uma medida. *Trends in Psychology*, 25(4), 1499-1510. <https://doi.org/10.9788/tp2017.4-02pt>
- Gomes, S., Costa, R. M., Mangia, P., Pestana, J., Coelho, M. P., & Correia, C. (2019). Frequência sexual e variabilidade da frequência cardíaca numa amostra não clínica: Resultados preliminares. *Análise Psicológica*, 37(2), 161-172. <https://dx.doi.org/10.14417/ap.1524>
- Hirschle, T. M. R., Maciel, S. C., & Amorim, G. K. (2018). Representações sociais sobre o corpo e satisfação sexual de mulheres mastectomizadas e seus parceiros. *Trends in Psychology*, 26(1), 457-468. <https://doi.org/10.9788/tp2018.1-18pt>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da Escala de Autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712011000100005&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100005&lng=pt)
- Hutz, C. S., Zanon, C., & Vazquez, A. (2014). Escala de Autoestima de Rosenberg. In C. S. Hutz (Eds.), *Avaliação em psicologia positiva* (pp. 85-94). Artmed.
- Kobayashi, C., & Reis, A. S. (2015). Início da atividade sexual de mulheres jovens: Questionando sua satisfação e preferências. *Boletim de Psicologia*, 65(143), 123-130. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432015000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432015000200002&lng=pt&tlng=pt)
- Maia, A. C. B., & Pastana, M. (2018). Sexualidade e diversidade sexual na formação em psicologia. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 29(1), 83-90. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i1.44>
- Meston, C., & Trapnell, P. (2005). Development and validation of a five-factor sexual satisfaction and distress scale for women: The Sexual Satisfaction Scale for Women (SSS-W). *Journal of Sexual Medicine*, 1(2), 66-81. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2005.20107.x>
- Monteiro, S. M. F., & Guimarães, C. A. (2019). Abordagem clínica perante desequilíbrio da autoestima. *Perspectivas em Psicologia*, 23(2), 160-178. <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasepsicologia/article/view/52226>
- Montejo, A. L. (2019). Sexuality and mental health: The need for mutual development and research. *Journal of Clinical Medicine*, 8(11), 1794-1796. <https://doi.org/10.3390/jcm8111794>
- Muise, A., Schimmack, U., & Emily A. Impett, E.A. (2015). Sexual frequency predicts greater well-being, but more is not always better. *Social Psychological and Personality Science*, 7(4), 295-302. <https://doi.org/10.1177/1948550615616462>

- Pachankis, J. E., & Safren, S. A. (2019). Adapting evidence-based practice for sexual and gender minorities: The current state and future promise of scientific and affirmative treatment approaches. In J. E. Pachankis & S. A., Safren (Orgs.). *Handbook of evidence-based mental health Practice with Sexual and Gender Minorities* (1st ed., pp. 3-24). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/med-psych/9780190669300.003.0001>
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. Basic Books
- Rosenbaum, S.D.G., & Sabbag, S. P. (2020). Questionamentos contemporâneos sobre a sexualidade feminina: Considerações a respeito dos aspectos culturais, sociais, biológicos e emocionais. *International Journal of Health Management Review*, 6(1), 1-12. <https://www.ijhmreview.org/ijhmreview/article/view/192>
- Ruiz, J., Muzzeti, L., Múrcia, M., Faria, P., Freitas, S., & Souza, T. (2016). Os seis pilares da autoestima e a integração corpo e mente. *Temas em Educação e Saúde*, 11, 27-34. <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9167>
- Sakaluk, J. K., Kim, J., Campbell, E. A., Baxter, A., & Impett, E. A. (2019). *Self-Esteem and Sexual Health: A Multilevel Meta-Analytic Review*. *Health Psychology Review*, 14(2), 1-25. <https://doi.org/10.1080/17437199.2019.1625281>
- Sánchez-Fuentes, M. d. M., Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 14(1), 67-75. [https://doi.org/10.1016/S1697-2600\(14\)70038-9](https://doi.org/10.1016/S1697-2600(14)70038-9)
- Santos, C. B. de O., Siviero, I. M. P. S., & Pietrafesa, G. A. B. (2020). A sexualidade da mulher acometida com o câncer de mama. *Revista Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Biológicas*, 4(2), 15-25. <https://doi.org/10.31512/ricsb.v4i2.97>
- Secretaria de Políticas para as Mulheres (2013). *Plano Nacional de Políticas para as Mulheres: 2013-2015*. [https://oig.cepal.org/sites/default/files/brasil\\_2013\\_pnp\\_m.pdf](https://oig.cepal.org/sites/default/files/brasil_2013_pnp_m.pdf)
- Sofra, X., & Lampe, N. (2020). Empowering the woman: A comprehensive model of sexual anti-ageing. *Journal of Aesthetic Nursing*, 9(3), 118-127. <https://doi.org/10.12968/joan.2020.9.3.118>
- Soster, A. P., & Castro, E. K. (2018). Sexo casual: Autoestima e busca de sensações sexuais em universitárias. *Psicologia, saúde & doenças*, 19(1), 18-25. <https://doi.org/10.15309/18psd190104>
- Souza, L. S. A., & Boeckel, M. G. (2019). Self-sexual de jovens adultos brasileiros. *Avances em Psicología Latinoamericana*, 38(1), 66-84. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7523>
- Zou, H., Tian, Q., Chen, Y., Cheng, C., & Fan, X. (2017). Coping styles mediate the relationship between self-esteem, health locus of control, and health-promoting behavior in Chinese patients with coronary heart disease. *The Journal of Cardiovascular Nursing*, 32(4), 331-338. <https://doi.org/10.1097/jcn.0000000000000357>

Data de submissão: 12/03/2021  
Primeira decisão editorial: 14/07/2022  
Aceite: 10/10/2022